

A persistência de Ricardo Reis

[The Persistence of Ricardo Reis]

Guilherme Gontijo Flores*

PESSOA, Fernando (2025). *Obra completa de Ricardo Reis*. Edição de Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe. São Paulo: Tinta-da-China Brasil. 520 pp. [ISBN: 976-65-84835-41-2].



Ricardo Reis nasceu em 1887, mas apenas em 1912 começou a tomar forma na imaginação de Fernando Pessoa (1888-1935). A partir de 12 de junho de 1914, consolidou-se como um dos principais heterônimos pessoanos, ao lado de Alberto Caeiro e Álvaro de Campos; com o ortônimo Fernando Pessoa, formam a “santíssima quadratura” da poesia pessoana. A vitalidade de Reis é talvez um dos efeitos mais instigantes da obra pessoana como um todo, desdobrando-se décadas adiante no romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, publicado por José Saramago em 1984, para ficarmos em apenas um exemplo célebre. O romance comete o deleite de situar a morte do heterônimo em 1936, portanto um

ano depois da morte do próprio Pessoa; ousadia que faz todo sentido, pois, desde o surgimento de Reis, Pessoa nunca parou de escrever poemas sob esse nome. Curioso tradutor de grego e latim, espécie de Horácio moderno de securas, neoclassicista de pendor monárquico, num perpétuo exílio geográfico e existencial que confere à sua poesia um tempo e um espaço dificilmente determináveis, Reis é hoje possivelmente o menos lido desse quarteto, talvez por escapar à sintaxe coloquial e ao modo conversacional que agora impera. Em contrapartida, manifesta-se sobretudo por uma espécie heterodoxíssima de moralismo pagão-católico que pode, num só movimento, fascinar e afastar leitores e leitoras contemporâneos.

Esse lugar, por assim dizer, “menor entre os maiores”, não resultou, contudo, numa ausência de edições de Ricardo Reis. Seria exagerado afirmá-lo, já que atualmente existem edições individuais do heterônimo nos catálogos de várias editoras de médio e grande porte, tanto em Portugal quanto no Brasil (Companhia das Letras, Global, Itatiaia, Landmark, Principis, L&PM, etc.), além das edições digitais que têm surgido nos últimos anos, em parte porque a obra de Pessoa entrou em domínio público em 2006. Ainda assim, a recente edição da Tinta-da-China Brasil, publicada

* Universidade Federal do Paraná, Departamento de Polonês, Alemão e Letras Clássicas. Bolsista PQ-2 CNPq.



em 2025 (e disponível em Portugal desde 2016), organizada por Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe, vem preencher uma lacuna importante no mercado brasileiro: a de oferecer uma edição crítica completa da poesia e da prosa ricardianas, preservando a ortografia original – questão particularmente relevante no caso dos muitos arcaísmos deliberados do heterônimo –, amplamente anotada e acompanhada de reproduções de manuscritos e datiloscritos autógrafos.

Os dois editores responsáveis pelo volume dedicam-se há anos à obra pessoana e são ambos colombianos. Jerónimo Pizarro, professor da Universidade dos Andes e titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia, vem realizando desde 2006 um trabalho sistemático de edição e reedição de Fernando Pessoa, como coordenador da coleção Pessoa, da Tinta-da-China, e coeditor da revista *Pessoa Plural*. Jorge Uribe, por sua vez, professor da Universidade EAFIT, em Medellín, também tradutor do português para o espanhol, é membro do projeto Estranhar Pessoa e um dos responsáveis do portal Pessoa Digital (pessoadigital.pt). Ambos representam uma crítica que mergulha na minúcia textual dos arquivos e evidencia como a obra de Pessoa há muito ultrapassou as fronteiras da língua portuguesa.

Como já se observou, Ricardo Reis parece ocupar, entre os grandes heterônimos, o lugar do menos lido, algo que se reflete inclusive na cronologia da Coleção Pessoa no Brasil: a *Obra completa de Álvaro de Campos* saiu em 2015, seguida pela *Obra completa de Alberto Caeiro* em 2018 – ambas atualmente esgotadas no site da Tinta-da-China Brasil. O mesmo não ocorreu com Reis, cuja recepção, segundo lembram Pizarro e Uribe, só começou a consolidar-se cerca de uma década após a morte de Pessoa. A primeira reunião de sua poesia apareceu apenas em 1946, pela editora Ática, enquanto a prosa – durante muito tempo negligenciada – só ganhou edição em volume em 2003, pela Assírio & Alvim. As *Odes* receberam estabelecimento crítico de Silva Bélkior em 1988, e a poesia completa foi editada criticamente por Luiz Fagundes Duarte em 1994. A prosa, contudo, permanecia sem um trabalho filológico equivalente, lacuna que esta nova edição finalmente procura suprir.

Tal como foi organizada, a edição divide-se em duas grandes seções: “Poesia” e “Prosa”. A primeira reúne quatro conjuntos principais: 1) as *Odes*, segundo o projeto de livro preparado em 1917 e jamais publicado em vida; 2) os poemas editados como “Livro I” na revista *Athena*, em 1924; 3) as odes publicadas separadamente na revista *Presença*, entre 1927 e 1933; e 4) outros poemas e odes que só vieram à luz postumamente. A seção de “Prosa” organiza-se, por sua vez, em três núcleos: 1) os poucos textos esboçados para o prefácio às *Odes*, escritos entre 1914 e 1917; 2) os numerosos fragmentos destinados ao prefácio da obra de Alberto Caeiro, redigidos entre 1916 e 1929 e deixados inacabados; e 3) outros textos dispersos, escritos entre 1914 e 1931.

A isso somam-se extensos anexos – 24 dedicados à poesia e 28 à prosa –, particularmente relevantes do ponto de vista genético e editorial. Na seção poética, os

materiais distribuem-se entre “Clearly Reis”, com fragmentos explicitamente atribuídos ao heterônimo; “Pessoa ou Reis (ou outro)”, reunindo textos de atribuição ainda incerta; “Maybe Reis”, composto por poemas provavelmente atribuíveis a Reis; e “Projetos”, que permite acompanhar alguns dos esboços preservados. A seção de prosa segue lógica semelhante, incluindo ainda “Mora e Reis”, com textos também atribuíveis ao heterônimo António Mora; “Ricardo Reis – vida e obra (e outros textos)”, que recolhe passagens de Pessoa sobre o heterônimo para além da célebre carta a Adolfo Casais Monteiro acerca da “origem” dos heterônimos; e, por fim, “Frederico Reis”, conjunto associado ao suposto irmão de Ricardo Reis, mencionado por Mário de Sá-Carneiro.

Ao longo desses 302 textos e 52 anexos, tudo se organiza, em cada seção, segundo um critério cronológico, permitindo acompanhar a formação e as metamorfoses de Ricardo Reis ao longo de mais de duas décadas de existência literária – seja como construção deliberada, seja como expressão das próprias inflexões do universo pessoano. Como observam os editores, “Reis terá adquirido e perdido atributos e incumbências com o passar do tempo” (15); e o que emerge desse minucioso trabalho editorial é, de fato, aquilo que a apresentação anuncia: “um Reis mais bem decifrado, mais completo e mais diacrônico” (17). Acrescente-se ainda que tal perspectiva parece recusar qualquer tentativa de achatamento interpretativo do heterônimo.

O volume encerra-se com um robusto conjunto de “Notas” – mais de cem páginas – dedicadas a todos os textos e anexos numerados, indicando a proveniência documental de cada peça e registrando variantes textuais oriundas do espólio de Fernando Pessoa. Há ainda uma concisa “Bibliografia”, seguida pela “Ordem topográfica das cotas”, além de um “Índice onomástico” e de um “Índice de primeiros versos”, que facilitam a consulta. A edição preserva também o elegante projeto gráfico da coleção: preto e branco, capa dura e formato de 14 × 19,5 cm.

Globalmente, temos aqui a edição mais completa da obra de Ricardo Reis, destinada certamente a interessar todos aqueles que acompanham o heterônimo. Ao mesmo tempo, porém, trata-se de um volume que tende a circunscrever seu público a leitores especializados, já que oferece um material particularmente denso, sem notas interpretativas para os poemas e textos em prosa, nem versões com ortografia e pontuação atualizadas segundo critérios editoriais mais acessíveis. Isso não constitui propriamente um defeito: no rigor explícito e implícito de seu trabalho filológico, esta é uma edição exemplar para cursos de Letras, pesquisas acadêmicas e leituras aprofundadas de diferentes ordens. Apenas dificilmente se tornará uma edição corrente entre leitores interessados sobretudo no impacto imediato da poesia de Reis. A capa, o título e a folha de rosto sugerem por vezes um livro voltado ao público geral, quando se trata, inequivocamente, de uma sofisticada edição crítica. Essa ambivalência, aliás, atravessa toda a Coleção Pessoa, da Tinta-da-China; depois de tantos anos de publicações coordenadas por Pizarro, é provável que os leitores mais atentos já reconheçam o horizonte editorial da coleção.

Pessoa foi múltiplo como poeta e como figura autoral – ou plural, para retomarmos o título desta revista. E, assim como Jorge Luis Borges celebra, em “Las versiones homéricas” (1932), a potência da tradução para multiplicar e complexificar um texto originalmente monolíngue por meio da proliferação de versões, também podemos celebrar a multiplicação de edições da obra de Pessoa – e de Ricardo Reis – como resposta a um desafio crítico aparentemente inesgotável. Os dois editores parecem compreender plenamente esse problema ao afirmarem que “um aspecto importantíssimo da tarefa de editar Pessoa é reconhecer que ele é plural em termos editoriais, isto é, que os editores o fizeram, o fazem e o farão ainda mais plural do que ele próprio foi” (18). Seguindo essa lógica, vale repetir: quanto mais traduções, melhor; e, igualmente, quanto mais edições, melhor.

Em 2026, noventa anos depois da morte de Reis segundo seu “biógrafo” Saramago, enquanto escrevo esta resenha sobre a melhor edição disponível daquele que continua sendo meu heterônimo favorito, penso que a demora de sua publicação no Brasil talvez possa ser vista também como um feliz acaso do tempo. O volume chega num momento em que os holofotes da máquina literária, com todo o seu aparato de mercado, parecem voltar-se obsessivamente para revelações autobiográficas e exposições do eu – seja na autoficção, seja nas confissões de autoras e autores, nos eventos literários ou em obras que por vezes perdem de vista a potência da invenção radical, da qual Pessoa talvez seja um dos maiores exemplos da literatura ocidental. Reis, em particular, encarna uma forma de subjetividade que se afirma precisamente no movimento de apagar-se; e, ao fazê-lo, recorda-nos que a linguagem poética, a consciência da morte e a tensão entre o humano e o divino ainda podem deslocar-nos para além das formas mais imediatas de autorrepresentação.

Sua leitura obriga-nos também a reconsiderar a experiência poética fora tanto das tendências hagiográficas quanto das lógicas contemporâneas de simplificação e cancelamento. Reis, como Pessoa – e ao mesmo tempo tão diferente dele –, não cabe em modelos de autoria idealizada, higienizada ou facilmente conciliável com as expectativas morais do presente. Vivíssima ainda hoje, sua poesia e sua prosa permanecem, mais de um século depois, uma provocação necessária. E, se a multiplicidade das edições testemunha a vitalidade da obra, cabe agora às leituras do presente responder à altura desse desafio.

GUILHERME GONTIJO FLORES é poeta, tradutor e professor de Latim na UFPR. Publicou os poemas de *Potlatch* (2022) e *Panapaná* (2025), entre outros, bem como os ensaios *Algo infiel: corpo, performance, tradução* (2017, com Rodrigo Tadeu Gonçalves), *A mulher ventriloquada: o limite da linguagem em Arquíloco* (2018), *Que sabe de si: o híbrido, a memória, a fúria* (2022) e *Tradução-Exu* (2022, com André Capilé). Traduziu autores como Robert Burton (2011-2013), Sexto Propércio (2014), Safo de Lesbos (2017) e François Rabelais (2021-2023), pelos quais foi premiado. Foi coeditor da revista *escamandro* e é membro do grupo Pecora Loca.

GUILHERME GONTIJO FLORES is a poet, translator and professor of Latin at UFPR. He has published the poetry collections *Potlatch* (2022) and *Panapaná* (2025), amongst others, as well as the essays *Algo infiel: corpo, performance, tradução* (2017, with Rodrigo Tadeu Gonçalves), *A mulher ventriloquada: o limite da linguagem em Arquíloco* (2018), *Que sabe de si: o híbrido, a memória, a fúria* (2022) and *Tradução-Exu* (2022, with André Capilé). He has translated authors such as Robert Burton (2011–2013), Sextus Propertius (2014), Sappho of Lesbos (2017) and François Rabelais (2021–2023), for which he has received awards. He was co-editor of the magazine *escamandro* and is a member of the Pecora Loca group.